

Os Limites Estruturais ao Capital de Mészáros e os Limites da Guerra à China

Samuel Spellmann*

Resumo: Analistas críticos da Economia Política têm abordado as similaridades entre o confronto hegemônico EUA-China enquanto paralelos contemporâneos de rivalidades globais anteriores, as quais levaram ao conflito aberto. Percebendo os padrões distintos por meio dos quais a crise capitalista se apresenta, István Mészáros propôs uma elaboração teórica ligando a característica superprodutiva da crise às condições materiais apresentadas pela reprodução capitalista inserida numa biosfera limitada e com seres humanos existentes, concretos. O capitalismo, portanto, não poderia ser reformado para além dos seus limites físicos. Este artigo objetiva apresentar uma reinterpretação parcial da tese dos anos 1980 de Mészáros sobre a *Crise Estrutural do Capital*. Este artigo observa os desenvolvimentos próprios da guerra nuclear, abordando a contradição entre a necessidade de guerra enquanto um meio de dispor de capital excedente e a existência de armas atômicas como um outro limite estrutural. Isto é feito de modo a propor uma adição à lista de quatro limites exprimidos enquanto contradições à reprodução capitalista de Mészáros, que acarretaram a crise estrutural do capital que segue até hoje.

Palavras-chave: Mészáros. Crise estrutural do capital. Limites absolutos. Capital monopolista. Guerra nuclear; China.

Resumen: Los analistas críticos de la Economía Política han abordado las similitudes entre el enfrentamiento hegemónico entre Estados Unidos y China como paralelos contemporáneos de rivalidades globales anteriores, las cuales condujeron a conflictos abiertos. Al percibir los patrones distintivos a través de los cuales se presenta la crisis capitalista, István Mészáros propuso una elaboración teórica que vincula la característica superproductiva de la crisis con las condiciones materiales presentadas por la reproducción capitalista insertada en una biosfera limitada y con seres humanos existentes y concretos. Por lo tanto, el capitalismo no podría ser reformado más allá de sus límites físicos. Este artículo tiene como objetivo presentar una reinterpretación parcial de la tesis de los años 1980 de Mészáros sobre la Crisis Estructural del Capital. Este artículo observa los desarrollos propios de la guerra nuclear, abordando la contradicción entre la necesidad de guerra como un medio para disponer de capital excedente y la existencia de armas atómicas como otro límite estructural. Esto se hace para proponer una adición a la lista de cuatro límites expresados como contradicciones a la reproducción capitalista de Mészáros, que han llevado a la crisis estructural del capital que continúa hasta el día de hoy.

Palabras clave: Mészáros. Crisis estructural del capital. Límites absolutos. Capital monopolista. Guerra nuclear. China.

Abstract: Critical Political Economy analysts have addressed the similarities between the US-China hegemonic confrontation as contemporary parallels to previous global rivalries which led to open conflict. Noticing the distinctive patterns through which the capitalist crisis presented itself, István Mészáros proposed a theoretical elaboration linking the overproduction characteristic of the crisis to the material conditions presented by capitalist reproduction within a limited biosphere and with concrete, existing human beings. Capitalism, thus, could not be reformed away from its own physical limits. This paper's objective is to offer a partial re-interpretation of Mészáros' 1980s thesis on the *Structural Limits to Capital*. This paper looks at the developments of nuclear warfare, addressing the contradiction between the necessity of war as a means for the disposal of exceeding capital and the existence of nuclear weapons as a structural limit itself. This is done in a way to propose an addition to Mészáros' list of four limits stressed out as core contradictions to capital reproduction, which enacted in the 1970s the structural capitalist crisis that continues to this day.

Keywords: Mészáros. Structural limits to capital. Absolute limits. Monopoly capital. Nuclear war. China.

*Coordenador, Especialização em China Contemporânea, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (China, PUC-Minas). Vice Coordenador, Centro de Estudos Globais e China, PUC-Minas. Pesquisador, China Working Group, International Initiative for Promoting Political Economy, School of African and Oriental Studies, University of London (IIPPE, SOAS). Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, PUC-Minas.

“Os planejadores governamentais julgam ter encontrado a fórmula mágica para um período de facilidades quase interminável. [...] A Guerra Fria é o catalisador, a Guerra Fria é uma bomba automática. Acione-se um botão, e temos o clamor público em favor de maior dispêndio em armas. Acione-se outra, o clamor cessa. A confiança e a esperteza de Truman baseiam-se nessa “fórmula Truman”. Disseram ao Presidente que a *era Truman de bons tempos* pode prolongar-se muito além de 1952. As exigências da Guerra Fria, se exploradas integralmente, são quase ilimitadas.” – U.S. News and World Report (1950).
Capital Monopolista, Baran e Sweezy (1966, p. 213).

Introdução

O estado do relacionamento bilateral entre Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China (RPC) tem se transformado perigosamente nos últimos anos. No início da década de 2010, em toda parte ouviam-se os pedidos da administração Obama para que a China passasse a atuar como contribuidora paritária da recuperação da ordem econômica internacional (THE WHITE HOUSE, 2015). Ainda assim, em 2018, os EUA mudaram o seu entendimento em relação à Rússia e à China (UNITED STATES, 2018). Em par, ambas as potências eurasiáticas foram classificadas desde então como países desafiantes da ordem internacional (de controle estadunidense) baseada em regras, e o relacionamento EUA-China foi recategorizado como uma “competição estratégica” (UNITED STATES, 2021). Recentemente, o mundo testemunhou um aumento da militarização de certas áreas do Oceano Pacífico, particularmente nos mares do Sul e do Leste da China, uma ocorrência paralela à reconceituação de toda a área da Ásia-Pacífico como Indo-Pacífico (MORESHEAD, 2018). A série de reconfigurações semânticas promovida pelos Estados Unidos indica uma mudança naquilo que é compreendido como o Oceano Pacífico no principal *locus* de interesse dos EUA para frear o desenvolvimento da China. Também faz lembrar a distinção geopolítica criada nos anos 1940 e 1950 entre Europa Oriental e Ocidental, mimetizando o início da Guerra Fria na sequência imediata da Segunda Guerra Mundial.

A China rejeita explicitamente a retórica de Guerra Fria estadunidense. Ela assinala que os EUA não podem – porventura já não podem mais – ditar os termos nos quais o país asiático se dirige às outras nações do mundo (XI, 2022). Em linha com a posição de “empenhar-se na busca por realizações (*striving for achievement*)” guian-

do suas relações internacionais (YAN, 2014), a resposta da China tem se focado em enfatizar suas iniciativas de cooperação, as quais têm evoluído em uma multiplicidade de formas, abrangendo o engajamento bilateral focado em arranjos “ganha-ganha” (YANG, 2019; VADELL, LO BRUTTO e LEITE, 2020), modelos minilaterais de relacionamento interestatal (VADELL, 2022), até a criação de instituições multilaterais (WANG e SAMPSON, 2022) e a compreensão holística de relações humanas em nível estatal (DUNFORD, 2022), com uma ênfase particular durante a pandemia da covid-19 (LO e SHI, 2021), mas carregadas de certa retórica transcendental que remonta ao legado dos povos da antiguidade e ao futuro comum da civilização humana, sob o *banner* da construção de uma Comunidade de Futuro Compartilhado para a Humanidade (XI, 2019¹ [2017]; LIU, 2019). Ao declarar a independência do seu modelo de desenvolvimento dos aspectos nucleares da ordem neoliberal enquanto simultaneamente realçando certos aspectos de tal ordem – particularmente aqueles ligados à liberdade de comércio² –, a China tem transformado a estrutura comercial e de investimentos internacional em detrimento de certos setores econômicos dominados por companhias ocidentais consolidadas, mas também por companhias do Leste Asiático.

Para além disso, a liderança do Partido Comunista da China (PCCh), durante o decênio compreendido pelos 18º e 19º Congressos Partidários (2012-2022), publicou iniciativas de desenvolvimento detalhadas, respondendo questões domésticas prementes – como a abolição da extrema pobreza, as falhas em projetos de urbanização e bolhas no mercado imobiliário, a mudança geracional, a desertificação, as chuvas recordes e outros impactos das mudanças climáticas, e a transformação do crescimento econômico – ao passo que reconheceu os riscos e oportunidades que defrontarão a RPC nos próximos anos (XI, 2021b; XI, 2021c). Isso ocorre enquanto a China celebra o centenário do PCCh, atestado de sua sobrevivência histórica perante as diversas fases de cerco imperialista pelas quais o país passou. O partido não apenas lançou campanhas públicas para abordar tais questões como formulou novos desenvolvimentos teóricos. Conectadas ao pensamento de Xi Jinping, as ideias de “reformas estruturais do lado da oferta”, “dupla circulação” e a agora amplamente reconhecida “prosperidade comum”, foram todas desenvolvidas para enfrentar os “grandes riscos” impostos pela primeira metade daquilo que se compreende como o alcançar do segundo objetivo centenário: a criação de uma sociedade socialista moderna na China em 2050 (XI, 2019; HU *et al.*, 2021).

1 Para citações de *A Governança da China*, preferiu-se apontar, em conjunto ao ano de publicação, o ano de proferimento do discurso citado, assinalado entre colchetes.

2 Xi Jinping e Li Keqiang mencionaram esse ponto em diversos discursos. Ver Xi (2017; 2021a) e Li (2015).

Como apontado por Yin Juwu (2020), quase não existem similaridades entre o confronto hegemônico entre Estados Unidos e União Soviética durante o século XX e o atual estado do relacionamento bilateral sino-estadunidense. Entretanto, a narrativa confrontacional disparada pelos EUA durante a presidência de Donald Trump continua a ser levada adiante sob a Administração Biden, e as animosidades da política internacional têm sido refletidas na política doméstica americana. Ainda que algumas exceções tenham sido demarcadas, e que a criação de espaço para cooperação tenha sido conversada – particularmente no que concerne políticas ambientais internacionais –, o núcleo da narrativa sobre a necessidade de se tomar uma postura agressiva para com a China e a Rússia continua sob a atual presidência do Partido Democrata estadunidense (ZHAO, 2022). Ambas as “ameaças existenciais” parecem ser usadas como catalisadores para viabilizar uma reação bipartidária direcionada à legislação doméstica³.

Analistas críticos da Economia Política têm abordado as similaridades entre o confronto hegemônico EUA-China enquanto paralelos contemporâneos de rivalidades globais anteriores e que levaram ao conflito aberto. Formulações a respeito de uma potência em ascensão enfrentando um adversário estabelecido capturaram a imaginação, particularmente as trajetórias verticais da Alemanha e do Japão dentro da matriz de desenvolvimento capitalista. Outras comparações têm conectado a atual realidade na qual os Estados disputam o mercado mundial enquanto alinham-se em blocos de poder à competição imperial do final do século XIX. Finalmente, recuperando as contrições de Giovanni Arrighi à teoria do sistema-mundo, existem aqueles que ligam a formação de ciclos sistêmicos de acumulação no Leste Asiático à ascensão da China enquanto competidor paritário dos Estados Unidos, o *hegemon* em declínio da ordem liberal internacional (XING e BERNAL-MEZA, 2021; ZHANG, 2017).

Entretanto, esses entendimentos não respondem questionamentos a respeito do funcionamento interno da reprodução capitalista e suas correlações com a erosão da estrutura de hegemonia dos EUA, em particular no que concerne a ampla e sempre crescente estrutura de controle militar estadunidense sobre o mundo inteiro. Análises contemporâneas limitam o imperialismo ao defini-lo por meio do estrito conceito de política externa das grandes potências, convidando narrativas neo-hobsonianas sobre a possibilidade de se parar a competição imperial através de um novo foco no crescimento do mercado doméstico, ou mesmo por meio de políticas institucionalistas de *détente*. Sob considerações similares, as pressões internas do capitalismo

3 O orçamento norte-americano indica explicitamente a China como um país adversário (THE WHITE HOUSE, 2022).

poderiam ser superadas através da reorganização do imperialismo, trazendo de volta as considerações de Kautsky sobre o ultraimperialismo, ao mesmo tempo em que negam a possibilidade uma futura competição interimperial (KAUTSKY, 1970 [1914]). Paralelamente, poucos links são estabelecidos entre o relacionamento dos Estados durante uma depressão econômica em escala global, o funcionamento interno da economia mundial capitalista, a competição interempresarial entre multinacionais e a sua atuação na política externa de governos. Ao limitar o escopo das análises exclusivamente a interpretações politicistas do imperialismo, deixa de ser abordado o núcleo dos apontamentos de Lenin há mais de 100 anos a respeito da reprodução capitalista, particularmente no que diz respeito à correlação entre a exportação de capital e a agressão imperial.

Percebendo os padrões distintos por meio dos quais a crise capitalista se apresenta, István Mészáros (1995) propôs uma elaboração teórica ligando a característica superprodutiva da crise às condições materiais apresentadas pela reprodução capitalista inserida numa biosfera limitada e com seres humanos existentes, concretos. O capitalismo, portanto, não poderia ser reformado para além dos seus limites físicos. A elaboração de Mészáros apontou para uma alternativa umbilicalmente ligada às tendências gerais do capitalismo, representadas pela taxa de lucro, e distantes das circunstâncias conjunturais. Os resultados foram inseridos na teoria de Mészáros sobre os limites estruturais do capital, apontando para uma caracterização estrutural da natureza da crise capitalista.

Este artigo objetiva apresentar uma reinterpretação parcial da tese dos anos 1980 de Mészáros sobre a *Crise Estrutural do Capital*. Isso é feito de modo a propor uma adição à lista de quatro limites exprimidos enquanto contradições à reprodução capitalista de Mészáros, que acarretaram a crise estrutural do capital que segue até hoje. Este artigo observa os desenvolvimentos próprios da guerra nuclear, abordando a contradição entre a necessidade de guerra enquanto um meio de dispor de capital excedente e a existência de armas atômicas como um outro limite estrutural.

Nossa interpretação é de que a guerra total de alta mobilização que existiu anteriormente ao advento das armas atômicas transformou o grau de destruição capitalista – bem como o da sua ulterior oportunidade de reconstrução –, por sua vez criado através de guerras mundiais, de dois modos. Primeiramente, ela criou toda uma nova categoria para a destruição de capital, que é a possibilidade evidente de se criar um evento de extinção em massa na Terra. Outro aspecto seria o de que a condição de aniquilação criou uma impossibilidade prática, defrontando o engajamento militar direto entre Estados em competição. E, então, a oportunidade para reinvenção do sistema global de acumulação através da guerra foi em grande medida

dissuadida. Historicamente, ainda que os EUA tenham alcançado o seu principal objetivo estratégico com a destruição da União Soviética ao fazerem uso das contradições amplificadas dentro do sistema soviético nos anos 1980, bem como através da (re)introdução capitalista via terapia de choque ao que fora o espaço soviético, essa forma de destruição não pode ser comparada ao grau imposto durante a Segunda Guerra Mundial. O mesmo pode ser dito a respeito de diferentes formas de conflito, como os limites impostos ao desenvolvimento de economias capitalistas periféricas sob o neoliberalismo, guerras híbridas ou mesmo o engajamento militar direto na periferia. A destruição tanto de formas de vida e de capital acarretada numa guerra mundial e as possibilidades de transformação das estruturas de reprodução capitalista em uma escala mundial são, portanto, interpretadas aqui como incompatíveis com as necessidades do capital.

Como estão, as taxas de lucro estadunidenses não podem se elevar para as marcas históricas da cheia dos anos dourados do capitalismo de meados do século XX. Ainda que diretamente levadas adiante na administração Trump – porventura para o enfrentamento da pandemia da covid-19 – as medidas de mobilização parecem ter emperrado no estágio do aumento da produção de certos itens. Os orçamentos estadunidenses de 2021 e 2022 expandiram o gasto militar. A paralisia legislativa doméstica recebeu a culpa pelos interesses do crescente capital financeiro colherem os benefícios das medidas de *quantitative easing* desde 2020. Por mais de 50 anos, a financeirização ultrapassou a produção em relação à lucratividade. Essa mudança estrutural montou o cenário para as crises dos anos 1970, levando ao aparecimento da ideologia neoliberal. Ainda que a China, o Vietnã, os Estados anteriormente na órbita soviética e a própria URSS tenham sido integrados ao mundo capitalista, existe hoje uma evidente falta de novos espaços para expansão econômica, reforçando, assim, as limitações existentes para a acumulação de capital e reestimulando a esfera financeira. Uma nova interpretação dos *Limites Estruturais do Capital* de Mészáros, levando a proposta de um quinto limite, pode ajudar a explicar as ligações entre o nível necessário de destruição de capital e de vidas humanas e as necessidades reprodutivas do capital.

1. A teoria da crise estrutural do capital de István Mészáros e seus quatro limites absolutos

Em meados dos anos 1960, a economia dos Estados Unidos exibia sinais de desaceleração. Metas de crescimento, taxas de lucro e expectativas de reinvestimento estavam em declínio. Os dados econômicos começavam a apontar a dimensão da crise que se

instalava. Apesar do crescimento dos investimentos externos norte-americanos para o mundo de décadas anteriores, os retornos sobre investimentos foram comparativamente maiores do que o lucro obtido domesticamente. De um lado, as empresas domésticas cresciam, tornando-se mais e mais internacionais. Enquanto, em suas operações, diversificavam progressivamente seus mercados externos, essas empresas monopolizavam o lucro privado doméstico (BARAN e SWEEZY, 1966). No fim da década, a desaceleração econômica evoluiu para uma crise generalizada. Alta inflação, protestos domésticos, guerra externa e o início da quebra do sistema de paridade fixa do dólar apontavam para a extroversão dos problemas econômicos domésticos norte-americanos (MAGDOFF e SWEEZY, 1972; HUDSON, 2003 [1972]).

O caráter de campanha de vendas da produção do excedente sob o capitalismo monopolista também foi transposto para a fabricação de armas. A explicação dada por Baran e Sweezy (1966) sobre a recuperação da economia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial conecta-se diretamente às compras e vendas estatais de material bélico. A manutenção da produção da indústria de armamentos, juntamente aos incentivos de consumo da administração civil e outros produtos como campanhas de vendas, foi necessária para postergar o retorno das recessões. Especificamente, a produção de armamentos de guerra requeria plantas industriais de larga escala, alinhadas às técnicas produtivas fordistas. Manter a ordem imperialista estava economicamente conectado à continuidade do funcionamento regular da indústria de armamentos, um pilar da economia norte-americana no pós-guerra (MAGDOFF e SWEEZY, 1972)⁴.

Ainda assim, de forma paralela à erosão do fordismo enquanto sistema de produção, os ganhos de produtividade afetaram, por fim, a empregabilidade, enquanto as metas de produção seguiam aumentando (BARAN e SWEEZY, 1966). Da mesma forma que no *Imperialismo* de Lenin (2011), a dominação ideológica e a reprodução do capital afetaram a compreensão da sociedade civil a respeito da situação econômica dos EUA (MÉSZÁROS, 1995). Em tema que posteriormente seria recuperado por István Mészáros (1995), o militarismo como conceito conexo à ideologia está presente em Baran e Sweezy (1966) como uma opção para a justificativa interna da campanha de vendas na forma da guerra externa constante – posteriormente virada para dentro na forma da guerra às drogas, da militarização da polícia, da constante venda de armas à população civil – e da formação da mentalidade da Guerra Fria.

A maneira pela qual *Capitalismo Monopolista* considerava a guerra não era inteiramente única. Haveli (1985) aponta que a literatura basilar da obra vinha se desen-

4 Haveli (1985) aponta inclusive para uma abordagem diferenciada da obra de Keynes nos trabalhos de Sweezy e Magdoff nos anos 1970.

volvendo desde os primeiros dias das políticas de keynesianismo de guerra, que antecederam a Guerra da Coreia⁵. Entretanto, a conexão posterior entre a internalização da “sociedade anônima gigante” (BARAN e SWEEZY, 1966) e a ordem financeira emergente já aparece em *Dynamics of US Capitalism*, de Magdoff e Sweezy (1972). Da mesma forma, pode-se perceber que, em paralelo ao desfazimento do sistema do dólar fixo, estavam também presentes no texto as distintas características dos aspectos raciais e coloniais analisados à época. Analisado como um todo, esse desenvolvimento teórico veio a influenciar amplamente o debate econômico marxista do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 (SAWYER, 1988). Eventualmente, as conclusões de *Capitalismo Monopolista* sobre o funcionamento interno do capitalismo desempenharam um papel importante nas teorizações de Mészáros sobre o capital nos anos 1990 e 2000.

Os contornos da crise capitalista dos anos 1960 e 1970 foram amplamente descritos por Mészáros (1995) em *Para Além do Capital*. As crises são uma propriedade regular do próprio capital, representando um fenômeno através do qual suas frequentes barreiras são superadas, avançando “[...] com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação” (MÉSZÁROS, 1995, p. 680). As crises até ali haviam se dado em diversas intensidades, formas e durações através de toda a existência do capitalismo. A caracterização de uma crise particular como uma *crise estrutural* acresceu um novo significado à teoria. A sensação de fim de uma era pairava sobre todo o argumento e está presente tanto em *Para Além do Capital* como em *A Crise Estrutural do Capital* (MÉSZÁROS, 1995, 2009). A crise estrutural do sistema do capital transcendeu as propriedades conjunturais das crises capitalistas regulares. Ela afetou “[...] todas as formas do sistema do capital, e não apenas o capitalismo” (MÉSZÁROS, 2002, p. 11).

A diferenciação no caráter das matrizes teóricas estabelecidas distingue a teoria da tendência de queda da taxa de lucro da teoria dos limites absolutos do capital. Para Mészáros (2009, 1995), o funcionamento interno do sistema do capital havia atingido seus limites. A condição de crise estrutural apresentava-se como mudança qualitativa perante os acúmulos seculares pelos quais passou o sistema capitalista, embargando o seu funcionamento posterior⁶. Embora não a negue, essa relação complexifica o desempenho funcional do capitalismo e sua relação íntima com uma das suas principais leis de operação.

⁵ Essas considerações podem ser dirimidas já na obra de Rosa Luxemburgo, antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Ver o capítulo “Militarismo como Campo da Acumulação de Capital” em *A Acumulação de Capital* (LUXEMBURG, 1970 [1913]). Sweezy (1970 [1942]) também já havia abordado esse problema em *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*.

⁶ Em outra ocasião, abordamos o processo de integração da China ao capitalismo mundial de forma a apontar um movimento mútuo de transformação. Este argumento foi o discurso prevalente até meados da década passada, cujo centro do argumento colocava a China como um agente passivo em sua adequação ao modo de produção capitalista. Ver Spellmann (2020).

Suas características nucleares eram quatro: a crise era universal – no sentido de que afetava todas as esferas da vida econômica, e.g., não sendo limitada aos mercados financeiros ou às cadeias de produção; seu escopo era global – indicando a sua não restrição a um certo grupo de países; sua escala temporal era permanente – ao invés de limitar-se aos ciclos de acumulação existentes; e “[...] seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante” (MÉSZÁROS, 1995, p. 681) – uma crise em câmera lenta, evoluindo a todo momento, sendo intercedida por estouros econômicos enquanto continua a existir sob vários mecanismos gigantescos de gerenciamento, temporalmente deslocando a crise para o futuro e para a periferia.

Conseqüentemente, algumas alternativas para a ordem do capital podem ser interpretadas como resultados desse processo enquanto o capital busca a “linha de menor resistência”⁷. A queda das taxas de lucro nesse período⁸ direcionou a produção para mudanças técnico-organizativas, seja a destruição de experiências de autogestão fabril ou através da implementação do toyotismo (POLESE, 2016). Além disso, novas alternativas para a aceleração da circulação de valor emergiram durante a ascensão das tecnologias da computação e a financeirização. Finalmente, Mézáros (1995) indica que o lado criativo do capital abandonava mais e mais da destruição criativa de Joseph Schumpeter (2003 [1994; 1943]), substituindo esse aspecto intelectual central da reprodução capitalista por uma “destruição produtiva”.

Um ponto central da obra de Mézáros colocado em *Para Além do Capital* é a sua proposição de quatro limites absolutos para o capital *per se*, usando duas caracterizações distintas para qualificar os limites absolutos. Primeiro, esses limites são uma pré-condição da existência do capital no mundo enquanto uma forma-valor. Isso implica dizer que esses limites não são restritos ao capitalismo. Em segundo lugar, a caracterização da reprodução dos limites do capital enquanto absolutos indica uma impossibilidade subjacente de transposição de tais limites ao passo que não se supera o próprio capital (MÉSZÁROS, 1995). Dessa maneira, a realidade prática de um mundo concreto, finito e, portanto, limitado vai de mãos dadas com as restrições intrínsecas do capital em lidar com a taxa de desemprego sempre em expansão, com a impossibilidade de uma igualdade substantiva entre gêneros e dentro de uma superestrutura em nível internacional de um capital transnacional existindo em um mundo com Estados nacionais. Superar esses quatro limites implica um intercâmbio direto com a própria estrutura que sustenta o capital, dependendo, assim, da superação do capital, do trabalho e do Estado (MÉSZÁROS, 1995).

7 A *linha de menor resistência* é um termo empregado por István Mézáros (1995) para descrever a correlação entre a acumulação de capital e o uso estratégico de recursos ao seu redor para a sua reprodução. A expressão tem origem na física, sendo derivada da circulação da eletricidade.

8 Para a tendência de queda da taxa de lucro no período, recomenda-se Maito (2014).

Identificar a finitude de um mundo concreto infere uma série de implicações materiais diretas para o processo de reprodução do capital. O capital enquanto uma relação social necessita que não só novas mercadorias sejam produzidas, mas também requer, em alguma medida, o seu consumo. A escala produtiva continua crescendo; a produção consome a natureza como forma de sustentar a reprodução do capital através da produção e do consumo mercadológico. Esse mecanismo não pode ser sustado sem que se interrompa o circuito de reprodução do capital, destruindo-o. Mas “consumir” não necessariamente significativa o uso final por humanos. No capitalismo, é costume definir consumo de forma restrita, colocando-o como a venda final do produto do trabalho. Sua existência material, entretanto, não se encerra desta forma. A destruição de mercadorias interage diretamente com a reprodução geral do capital em um sistema fechado.

Ainda assim, um dilema emergiu a partir das descobertas de Baran e Sweezy (1966) expostas em *Capitalismo Monopolista*. A reprodução do capital origina uma tendência de crescimento do excedente, criando o problema escalonar da sua absorção ulterior. Mészáros (1995) disserta sobre esse ponto, indicando que as respostas usadas anteriormente para adiar as crises cíclicas do capitalismo estavam se tornando progressivamente ineficazes. A maximização do excedente continua a afetar a reprodução geral do capital, juntamente com a tendência geral da queda da taxa de lucro. Sob essas circunstâncias, o sistema do capital condiciona-se a uma taxa de utilização decrescente.

Interpretadas em conjunto, essas contradições têm tendido historicamente a dirigir o capital monopolista para o militarismo, imperialismo, eventualmente alcançando as circunstâncias para a guerra interimperialista⁹. Entretanto, o desenvolvimento histórico das conjunturas internacionais tem condicionado o funcionamento interno do imperialismo. Geralmente, a academia discute o resultado da Segunda Guerra Mundial como uma fundação da *pax americana*, isto é, a hegemonia dos EUA sobre os demais países de capitalismo central, fundada no controle da economia internacional pelo dólar, no amplo arranjo de alianças interestatais de países capitalistas e na extensão global das forças militares dos Estados Unidos. Dentre outros fatores, isso teria sido implementado como uma tentativa de circunscrever as economias socialistas¹⁰ (AMIN, 2004; ARTNER, 2023). Ao mesmo tempo, por toda a existência da Guerra Fria, a rivalidade interimperialista não se desenvolveu até chegar ao ponto de conflitos anteriores. Como veremos na sessão seguinte, Mészáros aponta para a cognição humana como a principal causa da aparente reorganização das relações sociais

9 Esta acepção de Lenin (2011 [1917]) descrita em *O Imperialismo* é tratada tanto em Baran e Sweezy (1966) como em Mészáros (1995).

10 Isto está presente já no clássico *The Sources of Soviet Conduct*, o texto primordial da estratégia de contenção norte-americana, de Kennan (1947).

na ordem capitalista como forma de controlar e prevenir as tendências internas ao conflito direto entre países imperialistas, com um importante papel sendo desempenhado pela bomba atômica.

2. Capitalismo, cognição humana e a Terceira Guerra Mundial

O desenvolvimento histórico do real não é, de forma alguma, fechado em si mesmo. O que é compreendido pelos adversários ideológicos de Marx enquanto uma visão determinista – ou mesmo fatalista – em suas obras, é uma interpretação equivocada da sua análise a partir das teorizações de Hegel. No processo de formação das condições materiais necessárias à possível solução das contradições, existe sempre uma alternativa. A negação desse processo, em sentido hegeliano, está sempre presente. Assim, a peça central da noção de inevitabilidade em Marx – usualmente uma denotação empregada para descrever tanto o iminente ou o eventual advento do Socialismo – não está fechada. Ela somente indica que as condições materiais estão gerando tendências na direção de certo tipo de desenvolvimento social. A reflexão de Mészáros (1995) acerca da asserção de Marx sobre a história indica que todas as determinações vêm a atuar no tortuoso caminho do desenvolvimento histórico, que é entrecortado por

[...] desconcertantes especificidades transicionais por meio [das] quais se pode retardar, colocar em risco ou mesmo reverter por um período mais curto ou mais longo a formação das condições materiais e não materiais de uma possível solução sob a pressão sempre-crescente da articulação *global* do capital por meio da qual “*alle Widersprüche zum Prozess kommen*” (todas as contradições entram em jogo). (MÉSZÁROS, 1995, p. 446)¹¹.

Em sequência, Mészáros (1995) foca sua atenção nos mecanismos pelos quais a “astúcia da história” conseguiu revigorar o capitalismo, um modo de produção que continuava a existir apesar de ter expressado seus últimos traços de vitalidade por volta de meados do século XIX (MÉSZÁROS, 1995). A isso Mészáros oferece uma resposta de ponta dupla. Primeiro, ele aponta para o desenvolvimento de contradições internas entre as forças socialistas, cujos impactos negativos superaram as iniciativas positivas em movimentos políticos. Em segundo lugar, o autor aponta para a própria habilidade do capital de mudar o seu próprio modo de operação – ainda que não possa superar os seus limites absolutos (MÉSZÁROS, 1995).

¹¹ Em Mészáros (2011, p. 544). Tradução de Paulo Sérgio Castanheira e Sérgio Lessa.

Uma conclusão direta a partir desses pressupostos é que o desenvolvimento histórico do capital pode ser recondicionado através de suas operações regulares, dentre as quais a crise é uma característica. Se a ordem social não pode perecer antes de que todas as forças produtivas tenham se desenvolvido, ou seja, sem que “todas as suas contradições tenham entrado em jogo”, pode-se inferir que a ocorrência regular de crises no capitalismo não somente cria as condições apropriadas para a resolução de contradições internas, mas permite a introdução de novas modalidades de funcionamento capitalista de modo a prevenir que o colapso anterior ocorra novamente de maneira similar. Uma vez introduzidas, essas mudanças tornam-se conscientemente adotadas, redefinindo as propriedades subsequentes do capitalismo. Isso, entretanto, afeta a viabilidade do sistema de formas previamente inimagináveis (MÉSZÁROS, 1995).

Essa consideração cria uma conexão direta entre os “ajustes ‘híbridos’” (MÉSZÁROS, 1995) e a racionalidade humana. Ao passo que é continuamente transformado através de suas crises, o capitalismo, enquanto relação social, conseguiu reconfigurar-se de forma a apreender uma nova racionalidade em face dos eventos históricos. Em resposta, a racionalidade humana consegue tanto adiar a inevitável queda do capitalismo por meio de ajustes sistêmicos como simultaneamente criar uma visão alternativa ao capitalismo na forma do socialismo. Observando a questão por outro ângulo, pode-se perceber que, de forma a subsumir o modo de produção capitalista, a racionalidade humana atua num papel definitivo, superando o capital, o trabalho e o Estado. Isso cria um ambiente em que tanto o hibridismo capitalista como as perspectivas socialistas reagem progressivamente uma a outra dentro das fronteiras dos limites absolutos do capital. Enquanto o capitalismo se espalha para todo o mundo para desenvolver seus plenos potenciais, superar a tríade de categorias exigiria uma revolução que também competisse pelo globo.

Entretanto, o desenvolvimento histórico do capitalismo através dos séculos XIX e XX desafiou as definições clássicas de Marx e Engels para a revolução socialista. O papel central dos movimentos socialistas de países do núcleo capitalista perdeu sua fundação após a expansão progressiva das revoluções comunistas na periferia. A isso, Mézáros (1995) responde que Marx e Engels nunca colocaram decisivamente os países do capitalismo central como os centros gravitacionais da revolução mundial. Para a dupla alemã, a atividade revolucionária no núcleo do capitalismo era de fato a localização central funcionando como as ligações mais frágeis da corrente capitalista durante as primeiras décadas de sua atividade intelectual¹² (MÉSZÁROS 1995). Porém, essa condição mudou ao longo do tempo. Em meados dos anos 1840, Marx e Engels frequentemente comentavam sobre as dificuldades que a Alemanha

12 Uma discussão interessante a esse respeito pode ser lida em Gregor (2014, p. 45).

enfrentava em seu desenvolvimento capitalista, o que contrastaria com a centralidade do movimento dos trabalhadores por eles atribuída em anos posteriores (MARX e ENGELS, 2007 [1845-1846]). Outros exemplos podem ser traçados a partir das próprias interrogações de Marx sobre a possibilidade de sobrevivência de uma revolução socialista triunfante na Europa Ocidental enquanto o capitalismo continuava a se desenvolver na Califórnia e na Austrália (MARX e ENGELS, 1983 [1856]), ou em suas elaborações em cartas para Vera Zasulich, examinando as condições para a revolução socialista na Rússia (MARX e ENGELS, 1984 [1881])¹³.

O fio guia da “linha de menor resistência” revolucionária foi modificado pelas revoluções na Rússia, posteriormente acompanhada pela China e outras revoluções orientais. Divergindo daquilo que se esperava de início – uma iniciativa europeia ocidental –, esses processos foram diretamente relacionados aos resultados de duas guerras imperialistas de escala mundial. Uma consequência material a ser apontada foi a ampla influência de movimentos de inspiração nacionalista de libertação das estruturas coloniais e neocoloniais europeias, americanas e japonesas sobre os processos revolucionários na periferia do capitalismo. A expansão dos movimentos socialistas a cada vitória revolucionária conduziu uma série de estrategistas a considerar a guerra mundial como item chave para a vitória socialista em escala global. Isso é reproduzido nos *Problemas Econômicos da União Soviética, de Iossif Stalin (2022 [1953])* e nas *Citações*, de Mao Zedong (1966). A conclusão era a de que cada guerra global levaria a maiores avanços na agenda socialista. Portanto, a Terceira Guerra Mundial, ainda que não desejada, permitiria a vitória final dos movimentos socialistas, especialmente no contexto das lutas coloniais por libertação.

Com relação isso, Mészáros (1995) assinalou certa limitação aparente do pensamento de Stalin (2022 [1953]) a respeito da iminente reorganização dos países imperialistas para a inexorável retomada das disputas internas do capital monopolista. Naquele momento, o argumento de Stalin (2022 [1953]) permanecia parcialmente válido dentro da tradição da teoria internacional de Lenin. Ao longo dos anos 1950, diversas pressões próprias do funcionamento interno das potências coloniais de outrora, como França e Reino Unido, conduziram esses países a tentativas de recuperação das possessões perdidas antes e durante a Segunda Guerra Mundial. O exemplo mais chamativo é a tentativa britânica de recaptura do Canal de Suez, o que envolveu a invasão direta do Egito em 1956.

Ainda assim, a posse colonial direta nunca foi realmente peça única do imperialismo. Em uma releitura de Amin (2010 [1988]), se compreendido como uma formação estatal híbrida, correlata a sistemas feudais de controle datados dos primeiros

13 Os rascunhos dessa correspondência são ainda mais reveladores. Ver Marx (1884).

estágios do capitalismo, o instituto da posse direta de colônias do final do século XIX foi por vezes contrastado com as quase-independências de diversos domínios ingleses, além do Egito e da Jordânia. Pode-se traçar um exemplo também a partir do controle norte-americano sobre o Pacífico. Entender a dinâmica do potencial de transformação da forma adotada pelo imperialismo, desde a extensão do status legal de territórios para as possessões coloniais diretas da Espanha na sequência da Guerra Hispano-Americana de 1898 – dentre as quais, as Filipinas, que somente alcançaram a independência jurídica em 1946 – até a colonização do Hawaii e de vários outros arquipélagos na região. Certo mimetismo pode ser identificado também no estímulo do império japonês a movimentos de independência no Sudeste Asiático. O mesmo tipo de tática também foi empregado tanto pelo Reino Unido como pela Alemanha Imperial durante a Primeira Guerra Mundial, e pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial no Leste Europeu. Mas, precisamente como consequência de pressões econômicas, a posição diplomática internacional dos EUA nos primeiros dias da Guerra Fria era a de apoiar movimentos independentistas, enfraquecendo, desse modo, a estrutura imperial dos seus aliados europeus ocidentais e facilitando a sua posterior dominação do mundo capitalista (MAGDOFF e FOSTER, 2003)¹⁴.

Mészáros (1995) responde indicando que os requerimentos para a adaptação foram sempre presentes no substrato da superestrutura. O mecanismo dialético no qual as condições materiais provêm uma reestruturação do funcionamento interno do capital permite a emergência de uma nova racionalidade para o capital. Esse resultado qualitativo é a resposta direta necessária para a preservação da reprodução ampliada dentro dos limites existentes enquanto se mantinha o confronto sistêmico em escala global. Enquanto classe dirigente do capitalismo,

[...] a classe dominante como um *todo* se adaptou com sucesso, em termos internacionais, à perda de vastas áreas do planeta [...] e internamente fortaleceu sua posição por meio da invenção e da administração com sucesso da ‘economia mista’, do Estado de bem-estar social’ e da política de ‘consenso’. (MÉSZÁROS, 1995, p. 452-453).

Fundamentalmente, Mészáros aponta que

[...] por fim, mas definitivamente não menos importante, a instituição (novamente, pela classe dominante como um todo) de uma ‘nova ordem internacional’ que teve sucesso em eliminar – no que supostamente deveria ser a ‘era do imperialismo e de inevitáveis guerras mundiais’ – colisões violentas entre os principais poderes capitalistas, agora já por mais de

14 Tradução retirada de Mészáros (2011, p. 550-551).

cinquenta anos. Dados os limites existentes em relação às possíveis consequências de uma autodestruição recíproca, parece que tal eliminação continuará indefinidamente. (MÉSZÁROS, 1995, p. 453)¹⁵.

Entretanto, como Mézáros (1995) também nota, há continuidade nesses desenvolvimentos, uma vez que tanto o capital como o trabalho não podem ser instantaneamente e diretamente abolidos. A dinâmica intrínseca desse processo somente permite uma atualização das condições existentes enquanto simultaneamente reforça as suas tendências gerais. A ativação dos limites absolutos do capital permite que essas contradições internas venham à superfície. Isso significa que, apesar da evolução prática da cognição das classes dominantes no período, elas ainda existem sob a anarquia geral da produção requerida pelo capitalismo. Seguiu em seus escritos, portanto, a possibilidade latente de retração tanto na cognição que nos afastou originalmente da guerra atômica quanto da pretensa harmonia organizativa alcançada pelas potências capitalistas.

Várias restrições seguem aplicáveis a este estado transitório da Era de Ouro do capitalismo, algumas das quais foram apresentadas em Baran e Sweezy (1966). Especificamente, ainda que o comércio entre países capitalistas e socialistas fosse permitido dentro dos limites das relações internacionais naquele estágio, enquanto as forças políticas que controlam os países do socialismo real barraram as condições ótimas de exploração das trocas desiguais requeridas pelo capital monopolista, o capital não pôde alcançar os lucros desiguais necessários a partir do mundo colonial periférico e semiperiférico (BARAN e SWEEZY, 1966). Portanto, manter a ordem capitalista nessa época simultaneamente permitiu a organização hierárquica do poder americano enquanto requeria o engajamento militar americano direto para sustar processos revolucionários na periferia.

A ativação dos limites absolutos do capital afetou tanto países capitalistas como os socialistas (MÉSZÁROS, 1995). Enquanto a crise estrutural tomou forma ao longo dos anos 1970 e 1980, uma crise econômica severa também se espalhou pelas economias socialistas, levando à sua integração final na ordem mundial capitalista nos anos 1980 e 1990. Mas, ainda dentro dos parâmetros da reestruturação neoliberal do capitalismo – que foi, como apontado, erigida sobre a atualização da cognição das classes burguesas e sua vitória na disputa sistêmica da Guerra Fria –, o capitalismo ainda é afetado pela natureza estrutural de sua crise. Uma consequência direta para essa conclusão é a de que a eficácia aparente dos ajustes internos do capitalismo também é peremptória. A história nunca tem fim.

15 Tradução retirada de Mézáros (2011, p. 551).

Entretanto, por toda a duração da Guerra Fria, a reprodução capitalista da guerra enquanto uma ferramenta necessária ao imperialismo também foi restrita, ainda que a consideremos como necessária à regular manutenção do funcionamento econômico interno dos EUA. A guerra era dirigida contra as cabeças de ponte do socialismo na periferia do capitalismo, mas ela não podia se espalhar para além disso. A guerra existe como um produto que sustenta as necessidades de reprodução internas requeridas pelo capital, mas a realidade das relações internacionais existentes após a descoberta das armas atômicas enunciava que ela não poderia mais agir como catalisadora da mobilização das forças de produção como outrora. Como descrito por Baran e Sweezy (1966), as margens de produção crescentes são elas mesmas precisamente uma armadilha para a própria ordem capitalista. O capitalismo não pode inteiramente usar suas mercadorias, mas precisa continuar a sua subida na escala de gastos, o que simultaneamente estimula a produtividade, produzindo ainda mais mercadorias. Escalando-a para o seu pleno potencial, a produção militar que manteve a economia dos Estados Unidos emersa durante a “Era de Ouro” do capitalismo deveria necessariamente dirigir o país a um confronto direto, de modo similar ao ocorrido em outras guerras mundiais. Mas essa guerra não pode acontecer – não sem o fim explícito da civilização humana, e, portanto, da ordem mundial capitalista. A guerra nuclear é, assim, evitada pelo capital como uma consequência da cognição de sua classe dominante. De maneira contrastante, aparte de suas consequências geopolíticas, existe um aspecto geoeconômico oculto na reprodução geral do capital. A produção para a guerra não pode cessar, mas o seu mecanismo não pode ser usado, do contrário o próprio capital deixaria de existir. Deste modo, a guerra nuclear é evitada, e *o fim da história* não acontece (DESAI, 2022c), mas a ordem do capital é restrita, muito similarmente aos demais limites absolutos do capital.

Ao alterar o padrão existente de desenvolvimento do capitalismo e seu relacionamento com a guerra, as armas nucleares criaram uma anomalia para a reprodução capitalista. Essa nova “força de destruição” engloba um limite absoluto do capital distinto, separado das quatro outras restrições sociometabólicas existentes. O ato de reconhecer essa separação particular infere que as conclusões de *Para Além do Capital* podem ser alteradas em face de uma contradição intrínseca ao “quinto limite”. A guerra nuclear pode ser reinterpretada novamente, não como um final impossível para o sistema mundial capitalista, mas como uma possibilidade diretamente relacionada ao aprofundamento da crise estrutural do capital e à mercê das transitórias conclusões burguesas sobre o estado da ameaça socialista em nível internacional.

3. Separando o quinto limite absoluto do capital dos outros quatro

Em sua despedida pessoal a Paul Sweezy, Mészáros (2004) comentou que o papel da guerra na destruição do capital enquanto uma característica da disputa entre capitais monopolistas rivais assombrava-o assim como a Sweezy desde os anos 1960. A guerra, ele considerava, tem sido a principal faceta da expansão do capital, desempenhando um papel central na manutenção do capital monopolista. Desde antes da Primeira Guerra Mundial, a resposta do capital monopolista à estagnação veio na forma de um maior envolvimento da demanda estatal, com a atualização dos processos produtivos através do fordismo, e no desenvolvimento das capacidades de mobilização totais requeridas pela guerra.

A partir da descoberta das potencialidades das armas nucleares nos anos 1930 e 1940, estrategistas militares passaram a lidar com a questão do uso limitado da fissão nuclear. Desde o início da era da destruição mutuamente assegurada, a guerra nuclear fundamentalmente mudou a compreensão que se tinha da vida na terra (BARAN e SWEEZY, 1966). Como mencionado anteriormente, nações periféricas e socialistas tinham de considerar o potencial impacto da guerra nuclear em seus próprios sistemas de defesa. O desenvolvimento de armas nucleares também afetou o núcleo das estratégias para a expansão socialista. A capacidade para destruição mundial demonstrada já nas crises do início da década de 1960 apontava a União Soviética para um novo engajamento com os países europeus controlados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), vendo na militância política de seus movimentos de trabalhadores a possibilidade de mudança da balança de poder global. O relacionamento mutuamente colaborativo entre a URSS e a China também foi manchado pela decisão chinesa de não só adquirir armas nucleares, mas também como resposta às opiniões de Mao, favoráveis ao uso de “um cenário de Terceira Guerra Mundial” disparado por uma agressão capitalista como um catalisador para a Revolução Mundial, apesar do imenso potencial de custo humano que essa situação proporcionaria (MAO, 1967 [1957]). Finalmente, sob Brezhnev, a URSS também buscou uma agenda internacional focada na bipolaridade de superpotências com os EUA sob Nixon (MACKINTOSH, 1973). Ainda assim, essas mudanças na racionalidade humana tinham de coexistir com o desejo de guerra do capitalismo, dada a necessidade material de isolamento das alternativas sociometabólicas ao seu funcionamento. Entretanto, poderia a guerra nuclear ser considerada como um limite ao capital propriamente dito?

De maneira dialética, os quatro limites absolutos de Mészáros (1995) estão mutuamente conectados. Eles também são definidos por suas contradições centrais representadas *per si* dentro do capital. Uma vez que, no capitalismo, a reprodução do

capital afeta todos os elementos da experiência humana na Terra, o dilema da finitude planetária define como contradição estrutural a continuidade de um sistema econômico e sociometabólico que necessita da sua expansão permanente para viver.

E, portanto, de forma alarmante, o capitalismo continua a demonstrar os sintomas de seus limites absolutos. O desemprego crônico tem se elevado desde os anos 1970, ao ponto de que a normalidade do controle social através de recessões e deflações atinge novos níveis de exploração. A repressão dos trabalhadores continua a ser o principal objetivo do capitalismo enquanto tenta adiar a sua própria decadência, e a liberação das mulheres¹⁶ segue sendo uma metáfora (MÉSZÁROS, 1995). Entretanto, esses dois limites absolutos do capital não se relacionam diretamente à questão presente.

Mészáros (1995) menciona especificamente que as necessidades de expansão transnacional do capital frente à multiplicidade de Estados, potencializam a eclosão de conflitos. A reprodução do capital não pode se organizar de maneira autônoma de modo a evitar o controle dos Estados nos quais ela se insere. Não é necessário dizer aqui que o capital tem utilizado esses Estados para competir, ao mesmo tempo em que tenta continuar a existir como o único sistema econômico, e enquanto busca superar a própria competição através da centralização de capital. Ainda assim, como mencionado anteriormente, defrontada com o flagelo da guerra, a racionalidade humana tenta evitá-la, mesmo que provisoriamente. Mesmo que a paz entre os países do núcleo capitalista tenha existido por mais de sete décadas, desde a Segunda Guerra Mundial, as tendências capitalistas não só permitiram a continuidade das guerras coloniais na periferia, mas também necessitam da sua ocorrência. A guerra, então, caçou os nascituros do sistema internacional, avançando na direção das alternativas socioeconômicas do capitalismo, perseguindo a esquerda pela “linha de menor resistência”. Finalmente, como mencionado anteriormente, uma vez que o expansionismo dos EUA pós-Segunda Guerra Mundial não realizou de forma explícita uma anexação generalizada dos territórios recém-independentes, os avanços da teoria do imperialismo foram questionados por todo o período remanescente do século XX e no início do século XXI.

Ainda que a guerra surja como um subproduto da tentativa capitalista de expandir, concentrar e centralizar capital, essa correlação não responde à questão principal a respeito da produção sob o capital monopolista – isto é, a constante expansão do excedente, a sua progressiva subutilização e o papel da guerra na sua destruição. O poder hegemônico não tem o monopólio da guerra (ARTNER, 2023). Apesar do

16 Tradução de Mészáros (2011, p. 267) a partir do original *Women's Liberation* (MÉSZÁROS, 1995, p. 187).

controle exercido pelos EUA sobre os países do núcleo capitalista – um dos diversos resultados da Segunda Guerra Mundial (AMIN, 2004) –, o capital ainda opera de forma a manter suas necessidades de reprodução funcionando em todos os Estados, inclusive os da periferia global, ainda que se faça uma ressalva quanto ao emergente processo chinês¹⁷. A ascensão das economias periféricas, a formação de múltiplos centros de acumulação globais e a emergente multipolaridade forçam os limites da guerra em um cenário nuclear.

O desenvolvimento industrial da periferia do capitalismo também afeta simultaneamente o meio ambiente. O limite sociometabólico do capital é levado à sua culminância ano após ano de formas variadas, desde a emissão de gases de efeito estufa até a poluição de aquíferos, causando o aumento da temperatura média da terra e impactos irreversíveis à biosfera. É fácil demonstrar que as necessidades reprodutivas do capital estão em confronto direto com a continuidade da vida na terra, que é afetada tanto pela expansão do excedente como pela taxa decrescente de utilização do capital no capitalismo. Entretanto, desde a invenção das armas atômicas, o capitalismo não pode usar o seu mecanismo mais importante de destruição do excedente em seu pleno potencial.

Constar isso implica concluir que a guerra, enquanto ferramenta para a reprodução do capital, não pode ser mais usada como antes, demandando-se uma transformação da cognição humana como meio para evitar o início de uma guerra nuclear. Isolando-se esse fenômeno, a contradição destacada pode ser definida como, de um lado, uma tendência em se usar a guerra como meio para a concentração, mobilização e descarte do excedente, e, em sua face oposta, uma possibilidade de se dar fim ao reino do capital através da destruição da vida humana organizada na terra.

Considerações finais

A proposição feita por Mészáros de quatro limites ao capital levou a uma caracterização particular da crise estrutural sob o capitalismo. As tendências intrínsecas do sistema sociometabólico podem ser descritas como uma queima lenta em direção à exaustão dos recursos da terra, um cenário no qual se limitam os potenciais humanos de desenvolvimento na direção de um melhor relacionamento com o meio ambiente. Tais condições guiaram o capitalismo para ideias como os *Limites ao Crescimento*¹⁸,

17 Aqui redireciona-se o leitor para a discussão sobre a acumulação primitiva socialista da China em Sam-Kee Cheng (2020).

18 Para a crítica ao famoso *Report – Limits to Growth* do Clube de Roma, ver Mészáros (1995, p. 170-186).

pedra angular do neoliberalismo. O resultado se traduz numa tentativa de congelamento de diversos processos de desenvolvimento na periferia do capitalismo, dentre os quais poderia surgir uma alternativa sociometabólica ao sistema capitalista.

Entretanto, a crise estrutural do capital continuou a se desenvolver nas décadas seguintes. Desde os anos 1970, houve uma série de mudanças geopolíticas de dimensão significativa, enquanto os EUA tentaram expandir o seu mando para todo o globo. A tendência histórica de reação existiu paralela a uma China aparentemente passiva, no que hoje parece ser um longo e cauteloso caminho para o rejuvenescimento (XI, 2020 [2017]). Várias infeções importantes transformaram a projeção de poder da China no plano internacional. Ao usar os influxos de capital por mais de quatro décadas ao seu favor, a China criou o seu próprio e gigantesco mercado doméstico, sustentado por uma estratégia única de desenvolvimento (HU *et al.*, 2021).

A China também tem demonstrado que pode reestruturar o seu próprio mercado doméstico para o alcance de objetivos estatais de médio e longo prazo, o que fortalece a tese que centraliza a importância do aparato estatal multiforme e do crescimento da demanda interna como propulsores da acumulação socialista chinesa (CHENG, 2020; JABBOUR e GABRIELE, 2021). O impacto desse desenvolvimento é cada vez mais sentido diretamente pela economia mundial capitalista. A emergência de novas contradições é esperada (XI, 2022). De um lado, a abertura de novos mercados consumidores pelo crescimento da renda média e o aprofundamento do processo de reforma e abertura condicionam o desenvolvimento do mercado mundial progressivamente à imagem da economia chinesa. A condição de anomalia dentre essas mudanças torna-se explícita, alinhando-se com o planejamento estratégico do Estado, mirando 2035 e 2049. Em oposição, o crescimento econômico alimenta a construção de gigantescos conglomerados não-públicos, e a elevação da competição monopolista no mercado mundial tenciona a hegemonia do Estado norte-americano.

As condições econômicas dos Estados Unidos desde meados da década de 2000 têm afetado a sua habilidade de controlar a sua projeção de poder no mundo (AMIN, 2018; FOSTER, 2019; DESAI, 2022a). Como colocado anteriormente, a ascensão da China tem sido tratada como um fator determinante na sua consequente estratégia de “segurança nacional”. O confronto sistêmico com um sistema socialista emergente tem sido categorizado como o objetivo principal do aparato do Estado norte-americano. Nos EUA, a principal divergência entre ambos os partidos situa-se a respeito de qual estratégia tomar: o enfrentamento direto à China, barrando a corrente do seu desenvolvimento econômico em uma série de escaramuças limitadas, cujo campo de disputa seria o sistema mundial capitalista – aquilo que tem sido chamado de guerra comercial China-EUA ou de disputa tecnológica –, ou pelo implemento de uma vi-

são estratégica de longo prazo para as próximas décadas, na qual primeiro se deveria eliminar a Rússia, o adversário mais fraco, criando a possibilidade de se confrontar posteriormente uma China isolada.

Após décadas do despertar da crise estrutural do capital, o capitalismo tem provado continuamente que não pode mobilizar forças no mesmo grau experimentado anteriormente. A resposta dos EUA – e, de certa maneira, também dos europeus – às crises econômica e sanitária da covid-19 demonstrou níveis de inação que deveriam ser contrastados não apenas com políticas chinesas, mas também com a sua própria atuação em pandemias anteriores (LO e SHI, 2021; DESAI, 2022a). A mobilização torna-se o elemento chave para uma resposta planejada dos EUA às circunstâncias geopolíticas emergentes. Como a ex-Secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton apontou em relação à China, os EUA “[...] nunca vão competir e vencer contra eles, a menos que você tome de volta os meios de produção” (HAGUE e CLINTON, 2021). Controlar os meios de produção e redirecionar os circuitos do capital para o objetivo da autopreservação tanto do sistema como da ordem hegemônica existente e do lugar dos EUA como o principal Estado central capitalista, requer que se atravesse os limites normativos e econômicos dos tempos de paz.

O atual estado das relações é tal que, sem os elementos da mobilização pronta para a guerra, o Estado norte-americano não pode regularmente operar uma resposta a uma potência socialista, neste caso representada pela China (DESAI, 2022a). A barreira contendo os EUA em sua escalada para uma guerra de proporções globais é a necessidade de se evitar consequências nucleares. Em 2022, apenas a China e a Índia, entre as potências atômicas, mantinham sua adesão à política do no-first-use, ainda que setores do corpo diplomático chinês – notadamente o ex-diplomata Sha Zukang – tenham sugerido revisar essa posição em resposta à postura agressiva dos Estados Unidos no Oceano Pacífico, até que um pacto de controle de armas nucleares tenha sido alcançado entre China e EUA. Em 2022, a resposta russa de aumentar os níveis de alerta de suas forças nucleares após ser expulsa do sistema de pagamento SWIFT nas primeiras semanas da Guerra Russo-Ucraniana, evidencia o quão tênue é a linha de separação entre o conflito localizado e uma guerra nuclear, particularmente quando o império norte-americano é parte envolvida quase que diretamente no conflito. O resultado favorável desejado pelos planejadores dos EUA é um cenário em que se isola Rússia e China da Europa, com a captura dos mercados energéticos europeus, com aumentos das contas em todo a Europa Ocidental – particularmente na Alemanha – e a transferência de suas pressões inflacionárias internas para outro lugar, com eventuais danos à economia russa até o ponto de colapso.

Entretanto, ainda que o capital possa ser mobilizado de modo a suprir essa estratégia e reanimar a economia dos EUA até que se chegue aos níveis necessários

para resposta, o ato de evitar a guerra de forma direta opera sob um limite absoluto do capital, cerceando a mobilização, obstando o engajamento e, por fim, barrando a destruição do excedente necessária às operações regulares do capitalismo desde o despertar do imperialismo. No cenário atual, o caminho para a ascensão da China à posição central da ordem mundial capitalista passa pelo desenvolvimento das suas próprias capacidades militares, uma pedra angular da erosão da hegemonia norte-americana. Como colocado pelo antigo editor da revista *Fortune* William S. Schlamm e capturado por Baran e Sweezy (1966, p. 187) em *Capitalismo Monopolista*, “O comunismo prospera na paz, quer a paz, triunfa na paz”. Cercear esse processo pode requerer a ampliação do uso das capacidades produtivas dos EUA e do núcleo capitalista, exacerbando a pressão de um limite absoluto do capital, novamente afundando o mundo em uma era de grande risco.

O campo socialista tem se deparado com obstáculos significativos em suas diversas trajetórias de desenvolvimento. Entraves que podem ser analisados em diversas obras do campo marxista. Amin (2005), por exemplo, fala do problema de se controlar a renda da terra numa situação de êxodo rural significativo e de queda da produtividade do trabalho. O obstáculo colocado pela realidade da teoria da crise estrutural do capital é de outra natureza. Não se trata somente de um cadeado à capacidade humana de rearranjo das forças produtivas sob um projeto revolucionário de transformação da realidade material. Cadeados podem ser quebrados. Ainda que exigindo níveis superiores de planejamento da estrutura produtiva e rearranjo dos fatores de produção, pode-se vislumbrar a superação desses pontos dadas as condições necessárias. O real significado de *estrutura* impõe não uma impossibilidade física de se atravessar um limite, mas demonstra, sim, a irreversibilidade da condição material alcançada, cuja proeminência será cada vez mais vantajada conforme a condição de mudança qualitativa se expressa.

Assim, o caráter ecológico da obra de Marx e de seus seguidores se impõe numa nova expressão, levando a novos desafios para se pensar a estratégia socialista em escala mundial em nosso tempo histórico. A China tem demonstrado um entendimento próprio sobre esse tema, com a liderança do PCCh continuamente avançando suas considerações quanto à questão ambiental e apresentando medidas concretas para responder aos desafios da crise ecológica mundial. Essas considerações não são tomadas de maneira distinta da sua estratégia geral de desenvolvimento. É de conhecimento público que o planejamento central chinês impõe medidas de reflorestamento, revitalização de rios, combate à desertificação, e entraves ao crescimento econômico, pautando metas que levem em conta a preservação do meio ambiente (XI, 2020 [2018-2019]). Uma visão holística quanto ao desenvolvimento das forças

produtivas, que intercale a transformação material da China ao seu processo histórico corrente, determina também a construção de uma civilização ecológica, atrelada a uma visão prevalente de harmonia e integração com o meio ambiente (PAN, 2018; COSTA-LIMA, 2021).

Colocado nesses termos, o processo de desenvolvimento que emerge na China é restrito não só por limitações ao patamar de crescimento econômico experimentado pela economia mundial nas últimas décadas. Os limites absolutos do capital pressionam o processo produtivo de modo a direcionar a construção do socialismo chinês para as condições prementes da economia política global. Isso implica não só meras adequações provisórias quanto às estratégias de crescimento, reguladas por um planejamento avançado e continuamente remodelado. A consideração subjacente que deve ser posta diz respeito à forma a ser adotada por uma reação estatal ao cerco¹⁹ que inicia ao processo de desenvolvimento do país. A realidade prática tem apontado para um cerceamento progressivo da autonomia chinesa no mercado mundial, visando, abertamente, a sustar a evolução de um sistema socialista capaz de rivalizar com a hegemonia norte-americana do sistema mundial capitalista.

Só se cerceia aquilo que já se apresenta como ameaça, ainda que à nível estratégico²⁰. Se alguns autores apontam para os sinais de que a forma de desenvolvimento da China é central para o debate sobre a natureza do seu sistema, cabe discutir sobre a forma histórica adotada pelo capital em nosso tempo. Ao apontar como possível a emergência de uma contradição conectada à certa necessidade de ampliação da guerra como método de mobilização estatal capitalista visando ao enfrentamento de um sistema sociometabólico opositor, cabe também a apresentação dos termos pelos quais surge este antípoda.

De um lado, o que se tem observado é que o novo ímpeto de crescimento dos EUA, teoricamente amparado por certo neokeynesiano de guerra²¹, rapidamente encontra seus próprios limites. O ciclo de negócios dos ativos criados nos anos imediatamente seguintes ao início da pandemia do SARS-CoV-2 chegou ao fim, dando margem a uma nova rodada de políticas de ajuste fiscal nos EUA (DESAI, 2022b). Se esta é a realidade político-econômica do então Estado nuclear do capitalismo global, é em perspectiva do seu capital monopolista que se pode tratar sobre a condição geral do capital nesta época de transição.

19 Engels e Gramsci trataram da ideia de cerco a experiências socialistas em diversas ocasiões. Ver: Egan (2016; 2020).

20 Há aqui um potencial evidente de diálogo crítico com a Escola de Copenhague dos estudos de segurança internacional. De forma bastante preliminar, algo nesse sentido foi introduzido em Spellmann (2022b).

21 Ou, como alguns pretendem chamar: *Bidenomics*.

Referências

- AMIN, Samir. *Modern imperialism, monopoly finance capital, and Marx's law of value*. New York: Monthly Review Press, 2018.
- AMIN, Samir. *Eurocentrism*. New York: Monthly Review Press, 2010. Originalmente publicado em 1988.
- AMIN, Samir. China, market socialism, and U.S. hegemony. *Review*, v. 28, n. 3, p. 259-279, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40241635>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- AMIN, Samir. Geopolitics of contemporary imperialism. In: BORÓN, Atilio (Ed.). *New worldwide hegemony: alternatives for change and social movements*. Buenos Aires: CLACSO, 2004. p. 71-107.
- ARTNER, Annamária. A new world is born: Russia's anti-imperialist fight in Ukraine. *International Critical Thought*, v. 13, n. 1, p. 37-55, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/21598282.2023.2186015>
- BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. *Monopoly capital*. Nova York: Monthly Review Press, 1966
- CHENG, Sam-Kee. Primitive socialist accumulation in China: an alternative view on the anomalies of Chinese "capitalism". *Review of Radical Political Economics*, v. 52, n. 4, p. 693-715, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0486613419888298>
- COSTA-LIMA, Marcos. Um sopro de esperança: Xi Jinping e a civilização ecológica. *Jornalismo e Cidadania*, v. 43, p. 13-14, 2021. Disponível em: <https://issuu.com/revistajornalismoecidadania/docs/jornalismoecidadaniaago21-compactado>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- DESAI, Radhika. *Capitalism, coronavirus and war*. London: Routledge, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003200000>
- DESAI, Radhika. Guns without butter. *Sidecar*, 05 mai. 2022b. Disponível em: <https://newleftreview.org/sidecar/posts/guns-without-butter>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- DESAI, Radhika. The long shadow of Hiroshima: capitalism and nuclear weapons. *International Critical Thought*, v. 12, n. 3, p. 349-369, 2022c. DOI: <https://doi.org/10.1080/21598282.2022.2051582>
- DUNFORD, Michael. The Chinese path to common prosperity. *International Critical Thought*, v. 12, n. 1, p. 35-54, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/21598282.2022.2025561>
- FOSTER, John Bellamy. Late imperialism. *Monthly Review*, v. 71, n. 03, 2019. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2019/07/01/late-imperialism/>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- GREGOR, James. *Marxism and the making of China*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- HAGUE, William (Lord of Richmond); CLINTON, Hillary. The future of liberal democracies: in conversation with William Hague and Hillary Clinton. *The Chatham House, May 4, 2021*. Disponível em: <https://chathamhouse.soutron.net/Portal/DownloadImageFile.ashx?fieldValueId=5840>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- HAVELI, Joseph. The contemporary significance of Baran and Sweezy's notion of monopolistic capitalism. In: JARSULIC, Marc (Ed.) *Money and macro policy*. Dordrecht: Springer, 1985. p. 109-133 (Recent Economic Thought Series, v. 5). DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-015-7715-1_6
- HU, Angang et al. *2050 China: becoming a great modern socialist country*. New York: Springer, 2021.
- HUDSON, Michael. *Super imperialism: the origin and fundamentals of U.S. world dominance*. London: Pluto Press, 2003. Originalmente publicado em 1972.
- JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. *China: o socialismo do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- KAUTSKY, Karl. *Ultra-imperialism*. *New Left Review*, n. 59, 1970, p. 41 - 46. Disponível em: http://www.platypus1917.org/wp-content/uploads/readings/kautskykarl_ultraimperialism1914_NLR05804.pdf
- KENNAN, George Frost. The sources of Soviet conduct. *Foreign Affairs*, v. 25, n. 4, p. 566-582, 1947. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/george-kennan-sources-soviet-conduct>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- LENIN, Vladimir Ilych Ulianov. *O imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Rio de Janeiro: Navegando Publicações, 2011. Originalmente publicado em 1917.
- LI KEQIANG delivers special speech at the World Economic Forum Annual Meeting. *Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China*, 22 jan. 2015. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/>

mfa_eng/topics_665678/2015zt/lkqzlcxsjjltnhbdrsjxgzfw/201501/t20150126_705604.html. Acesso em: 05 jul. 2023.

LIU, Shiren. The philosophic interpretation of a community of shared future for mankind from the perspective of the Marxist philosophy. *Scientific Research*, v. 6, n. 7, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4236/oalib.1105541>

LO, Dic; SHI, Yuning. China versus the US in the pandemic crisis: governance and politics confronting systemic challenges. *Canadian Journal of Development Studies*, v. 42, n. 1-2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/02255189.2020.1839393>

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação de capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. Originalmente publicado em 1913.

MACKINTOSH, Malcolm. Moscow's view of the balance of power. *The World Today*, v. 29, n. 9, p. 108-118, 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40394690>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MAGDOFF, Harry; FOSTER, John Bellamy. *Imperialism without colonies*. New York: Monthly Review Press, 2003.

MAGDOFF, Harry. SWEEZY, Paul M. *Dynamics of US Capitalism*. New York: Monthly Review Press, 1972.

MAITO, Esteban Ezequiel. The historical transience of capital: the downward trend in the rate of profit since xix century. *MPRA*, n. 55894, 2014. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/55894/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

MAO, Zedong. *On the correct handling of contradictions among the people*. Calcutta: National Book Agency Private Limited, 1967. Originalmente publicado em 1957.

MAO, Zedong. *War and peace*. 1966. Marxists Internet Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/mao/works/red-book/index.htm>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARX, Jenny; ENGELS, Friedrich. *Marx and Engels collected works*. London: Lawrence and Wishart, 1983. v. 40: Letters 1856-59.

MARX, Karl. *Marx-Zasulich correspondence*. 1984 [1881]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/index.htm>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The German ideology*. 2007 [1845]. Available at: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1845/german-ideology/ch03d.htm>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. 1ª. Ed. Rev. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. *The Structural Crisis of Capital*. New York: Monthly Review Press, 2009.

MÉSZÁROS, István. Lembrança de Paul Sweezy. *Margem Esquerda*, v. 3, 2004.

MÉSZÁROS, István. Prefácio à Edição Brasileira. In: MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 11.

MÉSZÁROS, István. *Beyond capital*. Nova York: Monthly Review Press, 1995.

MORESHEAD, Colin. What's in a name. *China-US Focus*, June 13, 2018. Disponível em: <https://www.chinausfocus.com/peace-security/whats-in-a-name-changes-in-the-indo-pacific>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PAN, Xiang-Chao. Research on Xi Jinping's thought of ecological civilization and environment sustainable development. *IOP Conference Series: Earth and Environmental Science 2018*, v. 153, n. 6, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1088/1755-1315/153/6/062067>

POLESE, Pablo. Que tipo de crise? István Mészáros e a Crise Estrutural do Capital. *Revista Em Pauta*, v. 14, n. 37, p. 40-60, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/REP.2016.25393>

SAWYER, Malcolm. C. Theories of Monopoly Capitalism. *Journal of Economic Surveys*, v. 2, n. 1, p. 47-76, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6419.1988.tb00036.x>

SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalism, socialism & democracy*. London: Routledge, 2003. Originalmente publicado em 1943.

SPELLMANN, Samuel. *O capital Chinês e o imperialismo no século XXI: o papel do Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura na Internacionalização do Capital Chinês no Sudeste Asiático (2013-2019)*. 2020. *Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em de Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2020*.

STALIN, Iossif. *Economic problems of Socialism in the USSR*. Toronto: The November 8th Publishing House, 2022.

SWEEZY, Paul M. *The Theory of Capitalist Development*. London: Dobson Books, 1970.

THE WHITE HOUSE. *Budget of the US Government, Fiscal Year 2022*. Office of Management and Budget, 2022. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/05/budget_fy22.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

THE WHITE HOUSE. *Remarks by President Obama and President Xi of the People's Republic of China in Joint Press Conference*. The White House, Sep. 25, 2015. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/09/25/remarks-president-obama-and-president-xi-peoples-republic-china-joint>. Acesso em: 20 mar. 2019.

UNITED STATES OF AMERICA. *Military and security developments involving the People's Republic of China 2021: annual report to Congress*. Office of the Secretary of Defense, 2021. Disponível em: <https://media.defense.gov/2021/Nov/03/2002885874/-1/-1/0/2021-CMPR-FINAL.PDF>. Acesso em: 20 mar. 2024.

UNITED STATES OF AMERICA. *Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America*. 2018. Disponível em: <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

VADELL, Javier. China's bilateral and minilateral relationship with Latin America and the Caribbean: the case of China-CELAC Forum. *Area Development and Policy*, v. 7, n. 2, p. 187-203, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/23792949.2021.1974907>

VADELL, Javier; LO BRUTTO, Guiseppe; LEITE, Alexandre Cesar Cunha. The Chinese South-South development cooperation: an assessment of its structural transformation. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 63, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7329202000201>

WANG, Jue; SAMPSON, Michael. China's multi-front institutional strategies in international development finance. *The Chinese Journal of International Politics*, v. 15, n. 4, p. 374-394, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1093/cjip/poac019>

XI, Jinping. The correct understanding of major theoretical and practical problems of China's development. *Qiushi*, 15 maio 2022. Disponível em: http://www.qstheory.cn/dukan/qs/2022-05/15/c_1128649331.htm. Acesso em: 12 jul. 2023.

XI, Jinping. Full text of Xi Jinping's speech on the CCP's 100th anniversary. *Nikkei Asia*, 01 jul. 2021a. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Politics/Full-text-of-Xi-Jinping-s-speech-on-the-CCP-s-100th-anniversary>. Acesso em: 05 jul. 2023.

XI, Jinping. Full text of Xi Jinping's statement at COP26 climate summit. *Nikkei Asia*, 02 nov. 2021b. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Spotlight/Environment/Climate-Change/COP26/Full-text-of-Xi-Jinping-s-statement-at-COP26-climate-summit>. Acesso em 05 jul. 2023.

XI, Jinping. *The governance of China*. Beijing: Foreign Languages Press, 2020. v. 3.

XI, Jinping. *A governança da China*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019. v. 2.

Xi Jinping. A Governança da China, Rio de Janeiro: Contraponto, 2017. v. 1.

XING, Li. BERNAL-MEZA, Raúl. China-US rivalry: a new Cold War or capitalism's intra-core competition? *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 64, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7329202100110>

YAN, Xuetong. From keeping a low profile to striving for achievement. *The Chinese Journal of International Politics*, v. 7, n. 2, p. 153-184, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/cjip/pou027>

YANG, Danzhi. Win-win cooperation. In: FANG, Cai; NOLAN, Peter. *Routledge Handbook of the Belt and Road*. London: Routledge, 2019. p. 257-61.

YIN, Jiwu. The Cold War analogy's misrepresentation of the essence of US-China strategic competition. *China International Strategy Review*, v. 2, p. 257-269, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s42533-020-00058-4>

ZHANG, Xin. Chinese capitalism and the Maritime Silk Road: a world-systems perspective. *Geopolitics*, v. 22, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/14650045.2017.1289371>

ZHAO, Suisheng. The US-China rivalry in the emerging bipolar world: hostility, alignment, and power

